

**O TRABALHO DOS CATADORES DE MATERIAIS
RECICLÁVEIS DE UBERABA-MG E A RELAÇÃO COM OS DOIS
CIRCUITOS ECONÔMICOS DA RECICLAGEM**

**THE WORK OF RECYCLABLE MATERIAL COLLECTORS
FROM UBERABA-MG AND ITS RELATIONSHIP WITH THE
TWO ECONOMIC CIRCUITS OF RECYCLING**

**EL TRABAJO DE LOS RECOLECTORES DE MATERIALES
RECICLABLES DE UBERABA-MG Y LA RELACIÓN CON LOS
DOS CIRCUITOS ECONÓMICOS DE LA RECICLAJE**

Mauro Cristiano de Paula Silva¹

maurouftm03@hotmail.com

RESUMO: O estudo do presente artigo procurou investigar as relações de trabalho e renda dos catadores de materiais recicláveis e resíduos sólidos inseridos na cadeia produtiva da reciclagem. Esta cadeia produtiva é composta basicamente por três segmentos: os catadores cooperados ou avulsos; os intermediários também conhecidos por sucateiros ou atravessadores; e os industriários que estão no topo da cadeia produtiva da reciclagem. Cada segmento exerce uma função na produção e na economia deste setor. Este trabalho está estruturado em cinco sessões: em primeiro lugar a importância de se utilizar a teoria dos dois circuitos da economia urbana do geógrafo Milton Santos; na sessão dois discute-se teoricamente as variáveis do trabalho precário dos catadores; em seguida faz-se uma caracterização das cooperativas de reciclagem, as possibilidades e desafios; a sessão quatro trata de discutir acerca do deslocamento dos catadores pela cidade de Uberaba-MG e as formas de alienação quanto ao uso do território; e finalmente, este artigo apresenta os sujeitos da pesquisa, seu deslocamento e forma de organização, desafios e emoções. Nas considerações finais, buscou-se sistematizar a pesquisa teórica e prática, resultando, por um lado, na debilidade dos empreendimentos dos catadores promoverem melhores condições de vida a essa categoria, porém, apontou, por outro lado, grandes possibilidades de construção coletiva.

PALAVRAS-CHAVE: catador, circuito inferior da reciclagem, trabalho precarizado.

ABSTRACT: This paper aims to investigate the work and income relationships of the recyclable material and solid waste collectors inserted in recycling's productive chain. Said productive chain is formed basically by three sections: cooperated or independent collectors; intermediates, also known as scrappers or middlemen; and industrialists, who are at the top of recycling's productive chain. Each section plays a role in this sector's production and economy. This paper is structured in five sessions: first, the importance of using the theory of the two urban economy circuits, from geographer Milton Santos. In section two the variables of the precarious work of waste pickers is theoretically discussed. In sequence, a characterization of the recycling cooperatives is made, possibilities and challenges. Section four discusses the displacement of pickets through the city of Uberaba-MG and the forms of alienation regarding the use of territory. Finally, this paper presents the research subjects, their displacement and form of organization, challenges and emotions. In the final considerations, the aim was to systematize theoretical and practical research resulting, on one

¹ Licenciado em Geografia pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) Uberaba-MG; Mestrando pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) Uberlândia-MG.

hand in the weakness of the collectors' enterprises in promoting better life conditions to this category; on the other hand, however, it pointed to large possibilities of collective construction.

KEYWORDS: collector, recycling's inferior circuit, precarious work.

RESUMEN: El estudio del presente artículo he buscado investigar las relaciones de trabajo e ingresos de los recolectores de materiales reciclables y desechos sólitos insertados en la cadena de producción de reciclaje. La cadena de producción es hecha con base en la existencia de tres grupos: los recolectores cooperados o sueltos; los intermediarios también conocidos como chatarreros; y los dueños de la industria que están en la parte superior de la cadena productiva de reciclaje. Cada grupo ejerce una función en la producción económica de este sector. La investigación se estructura en cinco momentos: el primer toca en la importancia de se utilizar la teoría de los dos circuitos de la economía urbana del geógrafo Milton Santos; el segundo momento se discute teóricamente las variables del trabajo precario de los recolectores; a continuación se hace una caracterización de las cooperativas de reciclaje, las posibilidades y los retos; el cuarto momento se trata de discutir sobre el desplazamiento de los recolectores por la ciudad de Uberaba-MG y las formas de alienación en cuanto al uso del territorio; y finalmente, este artículo presenta a los sujetos de la investigación, sus maneras de organización, desafíos y emociones. En las consideraciones finales, se busca sistematizar la investigación teórica y práctica, concluyendo, de un lado, que hay debilidad en los emprendimientos de los recolectores para promocionar condiciones de una vida mejor a la categoría, sin embargo, de otro lado, hay grandes posibilidades de construcción colectiva.

Palavras claves: recolector, circuito inferior de reciclaje, trabalho precarizado.

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre o mundo do trabalho dos catadores de materiais recicláveis e resíduos sólidos², bem como o setor econômico do ramo da reciclagem que envolve os catadores, têm fornecido, para distintas áreas do conhecimento, um rico campo de análises em que se podem estabelecer inúmeras relações. Para identificar este tema sob uma abordagem geográfica, porém, sem abrir mão do diálogo com outras áreas do saber, faz-se importante, a priori, identificar categorias e subcategorias capazes de dar conta da pesquisa que aqui se propõe realizar. Em primeiro lugar é necessário situar uma categoria geográfica primaz para o trabalho científico que possa se expressar em termos de território e em segundo lugar pode-se admitir no seio da territorialidade as subcategorias de análises que irão fundamentar a abordagem do texto.

A cadeia produtiva da reciclagem compreende diversos agentes, a saber: indústrias ou usinas de reciclagem, sucateiros ou donos de depósitos e os catadores de recicláveis. Há

² Ao longo deste trabalho encontrar-se-ão os termos “catadores de resíduos, catadores de materiais recicláveis, trabalhadores catadores” indistintamente, pois compreende-se que se trata de termos simétricos, contudo há outras nomenclaturas “modernas” como agentes ambientais. Esta última vem sendo publicizada gradativamente por razão do tímido envolvimento do poder público que prefere expressar uma espécie de linguagem eufêmica para a categoria.

também os atores variáveis que cercam estes agentes, sobretudo os últimos, os quais compreendem os órgãos públicos, ONGs, OSCIPs³, igrejas, instituições de consultoria como o SEBRAE⁴, universidades e o cidadão como pessoa física. Na cadeia produtiva cada segmento exerce uma função na produção e na economia, enquanto os atores variáveis cumprem o papel, em ritmos e intencionalidades distintas, de cooperação solidária.

Tomando como base analítica a teoria dos dois circuitos econômicos de Milton Santos no livro “O espaço dividido”, os catadores se encontram, evidentemente, no circuito inferior do mundo da reciclagem enquanto as indústrias/usinas de produtos reciclados estão no circuito superior deste mesmo setor da economia⁵. O primeiro movimenta um valor irrisório, produzindo tão somente para a precária subsistência diária dos catadores, enquanto a grande indústria da reciclagem inserida no circuito superior movimenta lucros altíssimos, aproveitando-se do trabalho dos catadores. Como interpretar este paradoxo presente na história do capitalismo internacionalizado? Todavia, o interesse desta pesquisa está em analisar o mundo do trabalho dos catadores de resíduos sólidos e os efeitos perversos causados a esta categoria referentes às questões socioeconômicas.

Além desta introdução, este artigo está composto de cinco sessões e as considerações finais. Destaca-se na primeira sessão a atualidade e a viabilidade do uso da teoria dos dois circuitos da economia urbana com ênfase no circuito inferior; na segunda sessão o referencial bibliográfico consultado aborda a temática da precarização das relações de trabalho com vistas ao entendimento mais genérico do tema e a consonância dos conceitos cunhados pelos distintos autores com a presente pesquisa; em seguida, trata-se da caracterização das cooperativas de reciclagem enquanto empreendimentos com possibilidades de melhoria da renda dos catadores e as dificuldades enfrentadas por estes empreendimentos; na sessão quatro, faz-se uma discussão acerca do deslocamento dos catadores pela cidade de Uberaba-MG e as formas de alienação quanto ao uso do território; e finalmente na sessão cinco este artigo traz os dados evidências da pesquisa com os catadores da Cooperativa dos Recolhedores Autônomos de Resíduos Sólidos e Materiais Recicláveis de Uberaba (COOPERU) além de fornecer voz aos catadores não cooperados e

³ Organização Não Governamental e Organização da Sociedade Civil de Interesse Público.

⁴ Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

⁵ Ainda que a coleta de recicláveis se relacione com os dois circuitos econômicos da cadeia produtiva da reciclagem, o circuito superior não será abordado com detalhes, pois o foco deste estudo é a problematização do trabalho e renda do catador, porém, sem desconsiderar a relação entre os dois circuitos.

assim destacar suas angústias, incertezas, indignações e esperanças. Nas considerações finais resgata-se o compromisso do olhar geográfico com a construção de um espaço humanizado em contraponto à espaços verticalizados e, portanto, excludentes.

A TEORIA MILTONIANA DOS DOIS CIRCUITOS E A CADEIA PRODUTIVA DA RECICLAGEM

A proposta de Milton Santos sobre a teoria dos dois circuitos é referenciada neste trabalho como base conceitual e analítica. Esta teoria tem inspirado diversos tipos de análises ao longo das últimas décadas.

Sposito (1996) afirma sua atualidade e aponta cinco elementos pré-anunciado pela teoria dos dois circuitos:

É preciso lembrar, neste momento, a atualidade e o caráter respectivo da teoria porque ela adianta: a) o papel do desenvolvimento e da dependência tecnológica na estruturação da economia de uma cidade e, mais amplamente, de um país de Terceiro Mundo; b) os fluxos de transferência de recursos; c) a segregação de certos lugares, através da sua não-integração ao sistema mundial de relações e da existência de setores preferenciais para os investimentos estrangeiros; d) a dependência do setor externo; e) o papel do sistema bancário; etc. Por outro lado, ela comporta o conceito de formação social, como componente teórico subjacente. (SPOSITO, 1996, p. 49-50).

Claro está que o mundo atual tem presenciado um aprofundamento latente no desenvolvimento das tecnologias e suas aplicabilidades na construção do espaço, contudo, trata-se de um “desenvolvimento geográfico desigual” (HARVEY, 2011) em função da seletividade com que o capital ocupa os espaços privilegiando uns e segregando outros.

Os espaços segregados na cidade têm se multiplicado e com ele a variedade de ofícios novos ou recriados tem acompanhado esta dinâmica que reanima o circuito inferior e o constitui. Este dinamismo e recriação só é possível graças à metamorfose das relações de trabalho dos pobres e sua capacidade em se adaptarem às intempéries ou hostilidades de cidades em processo contínuo de verticalização.

Dagnino e Dagnino também se beneficiam da teoria miltoniana para fundamentar sua proposta de “Políticas para inclusão social de catadores de materiais recicláveis”, os autores explicam que:

O emprego dessa teoria permanece viável, pois, se por um lado, abre a possibilidade de análise sobre a articulação entre diferentes escalas de espaço, absoluto e grafável, por outro, possibilita também a análise através da escala do tempo, incorporando o espaço vivido (DAGNINO e DAGNINO 2010, p. 70).

É, no entanto, importante reafirmar que ao formular a teoria dos dois circuitos da economia urbana Milton Santos estava preocupado em compreender a funcionalidade do espaço urbano nos países subdesenvolvidos. São inúmeras as variáveis destacadas por Santos que se tornam os responsáveis pela criação dos dois circuitos e consequente organização do espaço (SANTOS, 2008, p. 22).

A “humanização do espaço” é, para Santos um tema vital da Geografia. Ruy Moreira também entende a Geografia, parafraseando Lacoste, que “através da análise do arranjo do espaço, serve para desvendar máscaras sociais” (MOREIRA, 2007, p. 62).

Dessa forma, “[...] com a teoria dos dois circuitos, Milton Santos inicia sua produção voltada para a compreensão do espaço humano, considerando que a urbanização é um resultado do estágio correspondente” (SPOSITO, 1996). É nesta perspectiva que se propõe pensar geograficamente as questões, não menos complexas, que envolvem os catadores de materiais recicláveis em um espaço cada vez mais verticalizado.

O desenvolvimento das forças produtivas do capital, instalada em dada porção do espaço, provoca a seleção de postos de trabalho e a seleção das pessoas que terão trabalho, assim sendo, “o espaço é manipulado para aprofundar as diferenças de classes” (SANTOS 2009, p. 32). A “informalidade” e a precarização do trabalho se tornam alternativas a esse excedente de pessoal. A catação de resíduos sólidos aceitos no mercado da reciclagem é assumida como um elemento essencial para a sobrevivência de homens, mulheres, crianças e idosos.

O comportamento dos dois circuitos da economia urbana é assim caracterizado por Milton Santos:

O circuito superior utiliza uma tecnologia importada e de alto nível, uma tecnologia “capital intensivo”, enquanto no circuito inferior a tecnologia é “trabalho intensivo” e frequentemente local ou localmente adaptada ou recriada. O primeiro é imitativo, enquanto o segundo dispõe de um potencial de criação considerável. (SANTOS, 2008, p. 43).

É inteligível, destarte, conceber as atividades de catação de recicláveis como uma das formas complexas da divisão de trabalho exercida pelos pobres na cidade. Seria uma expressão da “flexibilidade tropical” endossada por Santos (2012, p. 324) ao se referir à “metamorfose do trabalho dos pobres nas grandes cidades”? Fato é que o catador, inserido no circuito inferior da cadeia de recicláveis, realiza força de trabalho intensivo, reduzido

uso técnico, baixo e/ou nulo investimentos de capitais. Enquanto as indústrias de recicláveis são equipadas de alta tecnologia, comunicação, informação, altos investimentos de capitais, e possui toda logística burocrática característica de grande empreendimento.

A assimetria entre os dois circuitos, tanto organizacional quanto de manipulação de volumes de capitais são tão abismáticas que nem mesmo parecem fazer parte de uma mesma cadeia produtiva.

Os catadores dispensam a burocracia, não apenas por manipular capitais irrisórios, pois tampouco sabe lidar com ela em razão, sobretudo por se referir a uma prática que lhe escapa culturalmente. A vida do catador, conforme observações empíricas, é bastante prática, em muitos casos este sujeito utiliza o tempo para o trabalho até atingir sua produção pessoal, ou seja, uma meta diária suficiente para o seu sustento.

A Figura 1 a seguir é uma adaptação da teoria dos dois circuitos:

	Circuito superior da cadeia econômica da reciclagem	Circuito inferior da cadeia econômica da reciclagem
Tecnologia	Capital abundante	Trabalho intensivo
Estrutura organizacional	Burocracia	Gestão precária
Capital	Importante	Baixo
Emprego	Reduzido	Relativamente alto
Assalariamento	Dominante	Por produção
Estoque	Grande volume com alta qualidade	Quantidade e qualidade reduzida
Preço	Valor de mercado pouco oscilante	Os mais reduzidos da cadeia
Margem de lucro	Alta, devido a exploração sem responsabilidade com o catador	Baixa, devido pequeno volume de materiais e valor de troca
Publicidade	Necessária	Nula

Reutilização de bens	Nula	Frequente
Ajuda governamental	Importante	Importante
Contato direto com a sociedade	Relação mercadológica	Importante e necessária

Figura 1. Assimetrias entre os dois circuitos da economia da reciclagem. Adaptado de Milton Santos.

Faz-se crer na importância de destacar, entre estas assimetrias registradas, a ajuda governamental que é importante em ambos os circuitos e um acréscimo desta adaptação no que tange o contato com a sociedade.

Em primeiro lugar, a indústria da reciclagem conta com a ajuda governamental pelo fato de se caracterizar como atividade econômica industrial, cujo setor é amparado financeiramente pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES⁶. Para os catadores avulsos ou cooperados a ajuda do governo seria de extrema importância, todavia, quase nunca são assistidos, senão por meio de editais de concursos os quais devem submeter projetos de interesse público. Para isso é imprescindível assessoria adequada e, raramente os catadores são assistidos⁷.

E em segundo lugar, a relação da indústria de reciclagem com a sociedade é reduzida a mero mercado consumidor de “ecoprodutos” por meio da publicidade do “desenvolvimento sustentável” e do “ecologicamente correto”. O termo ou o conceito sobre “desenvolvimento sustentável” tem sido banalizado, sobretudo, pelo discurso midiático intimamente ligado ao consumismo. As empresas do ramo de produtos recicláveis reproduzem a falácia da colaboração com o meio ambiente, adquirem o chamado selo verde, *status* de empresa ambientalmente/ecologicamente correta, ISO 14000, etc., enquanto os catadores têm contato direto com a sociedade e, de modo

⁶ O BNDES fornece apoio também para selecionados empreendimentos de coleta seletiva que passarem por suas exigências. É o caso da COOPERU em Uberaba-MG que foi beneficiada pelo apoio desta entidade.

⁷ A iniciativa do governo, desde o ano de 2012 foi a criação do “bolsa reciclagem”, programa de pagamento de incentivos ao catador cadastrado no programa que na verdade é traduzido como fruto de muitas lutas dos catadores ao lado do MNCR. <http://www.jusbrasil.com.br/topicos/27221752/bolsa-reciclagem>. Acesso em: 04/02/2014.

subjetivo, há potencialidade para realização de um trabalho, ainda que não reconhecido, de educação ambiental⁸. O trabalho, no entanto, pode tornar-se objetivo.

A PRECARIZAÇÃO DAS ATIVIDADES DE CATAÇÃO NO CIRCUITO INFERIOR DA RECICLAGEM: APÊNDICE DA EXPLORAÇÃO CAPITALISTA

O trabalho sendo, ontologicamente, o suporte fundacional do alto-desenvolvimento da vida humana em que “a estrutura cerebral – em sua eterna interação com a realidade objetiva, ao mesmo tempo, como produto do trabalho do homem” (GOMES, 1991, p. 102) permite a Geografia então, tomar a categoria “trabalho” para investigar e buscar responder as indagações desta realidade construída. Assim pode-se falar em uma “Geografia do trabalho” (THOMAZ JÚNIOR, 2002).

O caráter metodológico da geografia do trabalho procura elevar a dimensão do trabalho ao universo conceitual próprio da Geografia considerando a relação homem/meio, bem como sociedade e espaço (THOMAZ JUNIOR, 2000). Proposta igualmente sistematizada por França (2017) ao teorizar sobre a “categoria trabalho e sua abordagem na geografia”.

Quando Ricardo Antunes faz uma periodização quanto à precarização do trabalho, a falta de postos de trabalho e a flexibilização no Brasil, o autor toma como ponto de partida os anos 1930 de Getúlio Vargas cuja indústria nasce fortemente nacionalista; na era do presidente Juscelino Kubitschek, 1950, a indústria brasileira dá seu segundo salto e a economia conhece seu segundo surto de acumulação industrial; após o golpe militar de 1964, o país intensifica a produção industrial ao passo que intensifica também a internacionalização da economia; nos anos de 1980 houve uma reestruturação do setor produtivo com a aplicação das inovações tecnológicas, novos sistemas de trabalho como *team work* e *just-in-time*, que nada mais são do que modelos implantados (pelas modernas teorias da Administração) para forçar o envolvimento dos trabalhadores com o lucro dos

⁸ Experiência da Cooperativa “Amigos do Lixo de Guaratinguetá” em parceria com a prefeitura da cidade em realizar um trabalho de orientação sobre os resíduos sólidos. “ministram palestras e são responsáveis pelo programa de educação ambiental na comunidade e nas escolas” (Nascimento; Marques; Almeida; Nascimento, 2006, p. 581). Neste caso considera-se o trabalho de educação ambiental como objetivo.

⁹ Disponível em: <http://www4.fct.unesp.br/ceget/PEGADA3ESP/thomazv3neago2002.pdf> acesso em: 09 de fevereiro de 2014.

padrões. Fatores que revelaram diferentes padrões de organização social do trabalho (ANTUNES, 2011, p. 119-120).

Estas transformações seguiram para a década seguinte (1990) orientada por novas diretrizes de acumulação capitalista em detrimento da força de trabalho que conheceram níveis ainda mais exaltados de superexploração e redução do valor da força de trabalho. As arestas estavam então, aparadas, nos países periféricos, para a atuação do neoliberalismo que já ocorria nos países centrais. (ANTUNES, 2011, p. 122).

Destarte, a precarização das relações de trabalho não é nada novo: a transferência em massa da população rural para as metrópoles fazendo aparecer, assim, a população de rua que dorme debaixo de marquise, viadutos e praças com fonte de águas públicas; as transformações entre a relação do “pobre urbano” com os incontáveis nichos de ocupações na cidade; a difícil inserção do pobre na produção, no consumo na cidadania; e as intensas transformações econômicas atravessadas pelos grandes centros urbanos brasileiros¹⁰, são apenas alguns dos traços identificadores marcantes na compreensão das relações sociais e da precariedade estrutural das relações de trabalho.

A inassistência do Estado, somado à política neoliberal são fatores agravantes aos pobres da cidade, conforme salienta Bursztyn

*A era do neoliberalismo*¹¹ deixa cicatrizes profundas no contexto das instituições públicas e sua doutrina vem servindo de paradigma e justificativa para uma obra de desconstrução que compromete qualquer ação voltada ao futuro, particularmente no campo das políticas sociais. Todo arcabouço institucional de proteção social, que começou a ser edificado desde o final do século passado, vem enfrentando graves impasses. O aumento da longevidade, paralelamente à redução do crescimento populacional; a automação dos sistemas produtivos; a forte concorrência dos mercados internacionalizados; e tantos outros fatores, vem impondo ao mundo, fortes limitações, no tocante à capacidade de assegurar emprego, ou pelo menos, proteção social a amplas camadas das populações. O quadro é ainda mais grave nos países que não consolidaram mecanismos universais de proteção social e que, além disso, lançaram-se de forma radical e voluntária na *era do neoliberalismo*. (BURSZTYN, 2003, p. 29).

Tal panorama de uma sociedade permanentemente desajustada, em se tratando de países subdesenvolvidos, reclama constantemente por mitigações dos efeitos de exclusão do mundo do trabalho ao tempo que a população empobrecida busca se reinventar para sobreviver.

¹⁰ Paráfrase do prefácio de Carlos Lessa em *No meio da rua: nômades, excluídos e viradores* de Marcel Bursztyn.

¹¹ Grifo do autor.

Para Vassapollo (2005) a precarização do trabalho é uma “estratégia determinante do capital”. Nos países centrais “a informatização, além de provocar o desemprego estrutural, desqualificou o trabalho já existente, convertendo-o no denominado trabalho atípico, com forte conteúdo de precariedade” (VASSAPOLLO, 2005, p. 18). Este autor afirma que a pobreza não está associada somente aos países subdesenvolvidos como se pensava no passado, mas confirma que as investigações da Organização das Nações Unidas e Banco Mundial têm constatado que “o desemprego, as desigualdades distributivas, [...] e a cada vez maior precariedade do mercado de trabalho, têm aumentado e agravado o problema da nova pobreza” (VASSAPOLLO, 2005, p. 59).

A nova pobreza mencionada pelo economista italiano tem como ator social, evidentemente, o “novo pobre”, resultado do

Corolário do desmoronamento do sistema de proteção social, num quadro agravado pela revolução tecnológica, que automatiza o sistema produtivo sem gerar novos postos de trabalho, esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução no mundo desenvolvido, do problema da desigualdade social, tão comum no *terceiro mundo*. Em outras palavras, ao invés do salvacionismo que se espera com a opção pela via industrial, capitalista liberal, o que começou a ocorrer foi uma desconcertante *terceiromundização* do mundo, inclusive do primeiro mundo. (BURSZTYN, 2003, p. 33-34).

Ambos autores / pesquisadores (Vasapollo e Bursztyn) são convergentes quanto o resultado da pobreza proveniente de outros resultados, isto é, a globalização, o neoliberalismo e a inserção da informatização. Lugar comum para as ciências sociais. Entretanto, para o primeiro, o novo pobre se caracteriza pela inserção precária no mercado de trabalho, materializada por “contrato de curta duração ou meio experiente; os novos trabalhadores podem ser alugados por poucas horas ao dia, por cinco dias na semana ou por poucas horas em dois ou três dias da semana” (VASSAPOLLO, 2005, p. 60). Enquanto o segundo apresenta o novo pobre sobre um quadro mais dramático no tocante à sua realidade de absoluta exclusão social, tanto do mercado de trabalho, quanto dos “mecanismos de proteção social”¹² (BURSZTYN, 2003, p. 34).

¹² Todavia, faz-se crer na necessidade de fazer um breve adendo acerca da “responsabilidade social” dos governos brasileiros, sobretudo, frente a criação de novos postos de trabalho, afinal, é inegável a assimetria entre o Brasil da década de 1990 e o Brasil de 2000. Na última década do século passado a população brasileira vivenciou um pífio desenvolvimento econômico combinado com o desmonte de dezenas das estatais e no mapa do desemprego do país somavam-se cerca de 14 milhões de desempregados. No final da década seguinte (2000), o IBGE registrou a saída do Brasil do Mapa da Fome com a ampliação do acesso à educação aos mais pobres e demais serviços essenciais, acesso a bens de consumo duráveis e relativa valorização dos rendimentos *per-capita*. Após 2014 o país mergulha numa crise política que desencadeia uma

A nova onda neoliberal que paira sobre o Brasil, ávida por mais-valia, prometeu e já coloca em marcha o sucateamento, de uma vez por todas, do “direito ao trabalho”, com o projeto de “terceirização do trabalho”, reformas sindical, trabalhista e previdenciária. Trata-se da implantação formalizada do trabalho escravo no Brasil, de modo que o trabalhador passe a receber o suficiente para se manter vivo e apto a continuar sendo explorado.

O trabalho, cada vez mais desvalorizado e controlado pelas forças capitalistas, se vê submetido à lógica do capital, ainda que seja, o trabalho, o principal gerador de riquezas como bem compreendido por Hopenhaym, citado por Godoy e por ela elaborado para pensar a realidade dos empreendimentos dos catadores:

Hoje, podemos dizer que “o trabalho alcançou seu maior nível histórico de produtividade, de uso das faculdades da inteligência e de desafios no plano da complexidade tecnológica e organizativa”. No entanto, nunca se segmentou tanto o acesso ao trabalho estável e com salários dignos. A informalidade e precariedade do trabalho convivem com o aumento da produtividade, fruto da Terceira Revolução Industrial através da informação, informatização e do conhecimento. (GODOY, 2005, p. 71).

Como bem arguiu Godoy o desemprego e a sistemática redução de postos de trabalho e salário é um agravante para a precarização das condições de trabalho e contribui diretamente com a atual situação de subemprego e um quadro de informalidade, que por sua vez, reflete a “pobreza urbana” (SANTOS, 2009). Pode-se considerar este resultante da economia global que concentram massas de capitais nas mãos de um grupo reduzido de pessoas.

O mesmo passa com a cadeia produtiva da reciclagem, pois seu comportamento é basicamente mercadológico, fator altamente segregacionista. O caso dos catadores de resíduos sólidos é demasiado visível o aprofundamento do trabalho precarizado, desarticulado e, por extensão, tornam-se precários também os direitos do trabalhador, o acesso às suas necessidades básicas, que são negadas em função de sua condição de renda igualmente precária. A negação dos direitos como cidadão vem aprofundar, por conseguinte, a sua condição de alienação social: do trabalho e do território.

crise de governabilidade e por fim, a crise econômica. Corolários do impedimento da então presidenta Dilma Rousseff. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv779.pdf> acesso em: 24.09.17. O atual governo busca consolidar uma nova transição antidemocrática com a retomada da exclusão dos pobres do orçamento público, reformas que empurram o trabalhador ao mero trabalho pela sobrevivência, intensificando a extinção dos atuais postos de trabalho. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2017/09/1919027-anos-dourados.shtml> acesso em: 24.09.17.

Freitas, Carvalho e Almeida (2011) radicalizam no vernáculo e chega a comparar as atividades do catador com a condição degradante encontrada no próprio lixo:

Estes trabalhadores estão cada vez mais pauperizados não pela “exclusão” do mercado de trabalho, mas sim como trabalhadores que se encontram degradados pela própria atividade de trabalho. Além disso, ao viverem esta situação, são muitas vezes confundidos com o próprio material que coletam (FREITAS, CARVALHO E ALMEIDA, 2011, p. 06).

Outra problemática nociva ao conjunto dos trabalhadores é gerada a partir da especialização da produção racionalista, ou seja, a etapa geradora de valores dos materiais coletados pelos catadores que está ligada aos interesses do circuito superior da reciclagem, mas que se articula com a própria condição racional em que o espaço é produzido e causa no catador um estranhamento que o aliena de todo o processo produtivo.

Sobre esta questão vale recorrer novamente a Freitas, Carvalho e Almeida, (2011, p. 06) que assim disserta:

O processo de alienação e estranhamento se intensifica consideravelmente, pois assim fica cada vez menos perceptível para o trabalhador o resultado de sua participação no produto social do trabalho. Esta perda da realidade é um dos aspectos da alienação, pois o não domínio da realidade representa também o não domínio sobre as suas condições de existência.

Contudo, apesar do catador não possuir o comando da cadeia produtiva da reciclagem, não comandar sua rentabilidade e tampouco se reconhecer enquanto agente transformador, ele é um acelerador determinante dos fluxos e para a consolidação desta cadeia conforme os mesmos autores assinalam:

Na cadeia produtiva da reciclagem, o catador se comporta como um elemento determinante nesta fluidez, apesar de não dominá-la. O aumento no tempo de rotação do capital se dá a partir da sua maior dedicação a atividade. O catador consegue assim, garantir o movimento suficiente para que a cadeia produtiva se consolide sob o comando do capital. Todo o processo obedece a uma estrutura hierárquica, que tem como pressuposto a produção de um novo valor em mercadorias, que foram desvalorizadas como “lixo” (FREITAS, CARVALHO E ALMEIDA, 2011, p. 10).

Instala-se, dessa forma, o paradoxo entre o valor “trabalho” e o valor “mercado”, sendo o primeiro submetido ao segundo em função da lógica implantada pelo capital. O tempo de trabalho do catador não é considerado pela qualidade, mas pela quantidade de materiais coletados que este coloca em movimento até alcançar o circuito superior da cadeia da reciclagem, entretanto, seu valor trabalho é controlado por compradores restritos. A mercadoria final agrega valor de uso e valor de troca sem considerar o tempo de trabalho

realizado no circuito inferior da reciclagem pelo catador, ainda que este último produza somente valor de troca. Este tema foi amplamente discutido por Marx:

[...] O tempo de trabalho realizado nos valores de uso das mercadorias é tão somente a substância que faz delas valores de troca e, por conseguinte, mercadorias, mas é também a medida de seu valor determinado. As quantidades correlativas dos diferentes valores de uso, nos quais se realiza idêntico tempo de trabalho, são equivalentes, ou, dito de outro modo: todos os valores de uso são equivalentes nas proporções em que contêm o mesmo tempo de trabalho concreto, realizado. Consideradas como valor de troca, as mercadorias não são mais que medidas determinadas de tempos de trabalho cristalizado (MARX, 2008, p. 55).

Os catadores, conforme observações levantadas, trabalham de acordo com sua demanda pessoal. Isto significa que o tempo de trabalho entre eles são bastante distintos, todavia, há determinados traços comuns, em especial, entre os catadores que são arrimos de família. Estes trabalham em média 10 horas por dia incluso finais de semana¹³. Importante entender que para Marx o valor de uso das mercadorias é dado pelo tempo de trabalho empregado. Não é o que acontece na etapa de coleta do material que agrega tão somente reduzido valor de troca. O valor de uso é dado na indústria de transformação onde o material é depurado e metamorfozado.

A ideologia do capital faz crer, aos desavisados, que o valor da mercadoria é desprovido de trabalho realizado, ao passo que é o tempo de trabalho que determina seu valor. Instala-se, deste modo a contradição entre o que é verdadeiramente trabalho concreto e o que é mercadoria com valor de uso.

Muitas das respostas a contradição estão dadas tendo em vista as teses que são verdadeiros postulados da epistemologia do pensamento entre as ciências humanas, sobretudo no recorte temporal a partir de 1980 em que o capitalismo se reveste do neoliberalismo e promove a dilapidação de várias ou grande parte das conquistas sociais. Entretanto, faz-se imprescindível aprofundar na análise e na pesquisa para apreender de perto a realidade dos catadores de materiais recicláveis organizados ou não em cooperativas.

¹³ As observações simples e direta na pesquisa com os catadores cooperados e avulsos proporcionaram importantes esclarecimentos quanto o tempo de trabalho desta categoria e a criação de valores produzidas na fonte que, porém, são desvalorizadas como valor de troca frente ao mercado manipulador da força de trabalho dos catadores.

A COOPERU E A RECICLAGEM COMO ALTERNATIVA DE TRABALHO x O TRABALHO PRECÁRIO NO CIRCUITO PRODUTIVO DA RECICLAGEM

A COOPERU – Cooperativa dos Recolhedores Autônomos de Resíduos Sólidos e Materiais Recicláveis situa-se na cidade de Uberaba-MG, mesorregião do Triângulo Mineiro. Esta região é rota de fluxo do eixo São Paulo / Brasília, cujos circuitos espaciais de produção entre o Sudeste e o Centro-oeste estão entre os mais variados do país. Uberaba se localiza aos aproximados 500 km das capitais: São Paulo, Belo Horizonte e Brasília. As cooperativas de catadores da região do Triângulo Mineiro podem, no futuro, se beneficiarem desta localização privilegiada para enviar os materiais recicláveis aos grandes centros compradores à medida que a coleta seletiva avança ao lado dos aparatos logísticos e tecnológicos das cooperativas. A formação de uma rede de catadores é um anseio das cooperativas que pode se concretizar no futuro para este fim.

A Figura 2 demonstra a localização do município de Uberaba-MG e a sede do município.

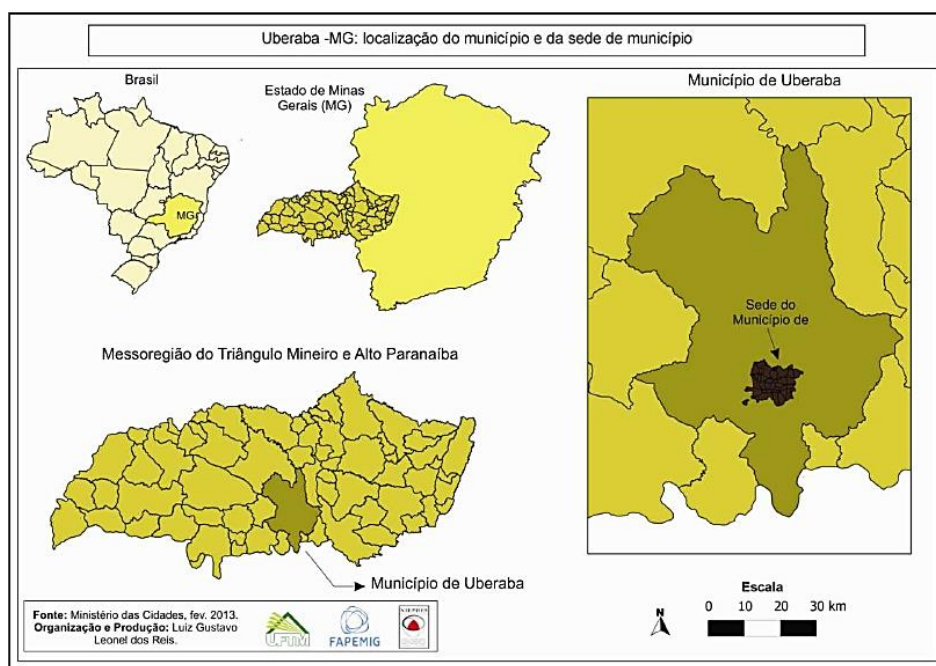


Figura 2 – Localização do município de Uberaba-MG e da sede do município – 2013.
Fonte: Ministério das cidades, 2013.

O modo como as cooperativas de materiais recicláveis vem sendo estudadas não representam uma característica unitária, homogênea, elas possuem algumas características em comum, porém, são distintas conforme a realidade local em que estão inseridas. Quanto

mais envolvimento do poder público, da sociedade civil organizada, dos agentes envolvidos no processo de reciclagem dos resíduos sólidos urbanos e das fontes geradoras (residências, instituições, comércios, fábricas, etc.), mais serão as possibilidades de êxitos para sua realização. Ao contrário dos empreendimentos de catadores que não contam com esta articulação sobrevivem com dificuldades.

As cooperativas de catadores têm sido caracterizadas como Empreendimentos Econômicos Solidários (GUTIERREZ; ZANIN, 2010) e por Espaços de Produção Solidária (GODOY, 2005), visões compartilhadas com Pinhel (2013), porém, este último pensa os empreendimentos solidários sob uma visão positivista de funcionalidade orgânica: “Cada área de trabalho pode ser entendida como um órgão que desempenha uma função e que atua interligado a todo o corpo. Portanto, para seu bom andamento, todos os outros órgãos precisam estar bem” (PINHEL et al., 2013, p. 57). Não seria exagero algum afirmar que o modelo burocrático mecanicista de organização, que pouco considera a complexidade humana, aplicado a uma cooperativa de catadores, definitivamente não traduz em um encontro funcional ainda que atrativos sejam os rendimentos individuais.

Quanto a distribuição espacial do catador no território brasileiro, os números são bastante distorcidos. Freitas, Carvalho e Almeida (2011) e Fonseca (2011) sugerem como piso os últimos dados do (IBGE, 2010) que admite apenas pouco menos de 388 mil catadores. O instituto recebeu os dados das prefeituras; o Movimento Nacional dos Catadores de Recicláveis (MNCR) divulga que há no Brasil cerca de 1 milhão de catadores; a CÁRITAS estima um número próximo de 700 mil; e os dados da CEMPRE¹⁴ oscilam entre 300 mil a 1 milhão.

Esta discrepância nos dados significa que qualquer afirmativa quanto à distribuição espacial dos catadores no país trata-se de mera arbitrariedade em função da complexidade do setor produtivo da reciclagem, tendo em conta o dinamismo da força de trabalho, tanto aos trabalhadores das cooperativas quanto aos catadores avulsos. Outra questão refere-se aos critérios de exclusão e inclusão em que esses números foram levantados. Sendo assim, pressupõe-se uma estatística em aberto implorando por uma pesquisa adequada.

Contudo, cabe ressaltar ademais que o Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil de 2016 realizado pela Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos

¹⁴ CEMPRE, disponível em: http://www.cempre.org.br/servicos_recicladores.php acesso 07/09/2010.

Especiais (ABRELPE) admite a existência de “3.878 municípios que apresentam alguma iniciativa de coleta seletiva”. (ABRELPE, 2016, p. 17).

Não obstante, as cooperativas continuam, ainda hoje, patinando no intento de promover melhorias na rentabilidade dos cooperados, pois, à maneira como estão dispostas, hoje, as atividades de catação, cuja exploração e precarização do trabalho atingem extremos imorais e faz Magera entender que:

Nestas condições, a reciclagem, em si, não representa uma alternativa econômica [...]; somente ameniza momentaneamente as pressões sociais sobre o desemprego dos excluídos e propicia um ganho pelas indústrias, por meio da redução de seus custos; e estas, utilizando-se dos sucateiros, os grandes “senhores do lixo”, controlam o mercado de produtos reciclados. Este é o desenvolvimento sustentável “pró-capitalista” de nosso país. (MAGERA, p. 108).

Este contraste entre miséria e lucro, sinalizado por Magera, em nome do “desenvolvimento sustentável”, é convergente com a definição de Marcel BursztyN ao afirmar que “o precário sustenta a indústria” (BURSZTYN, 2003), paradoxo trabalhado de modo atento pelo autor em sua obra supracitada. A vida do catador, na condição de excluído e sua relação com a sobrevivência, em que é necessário viver do descarte da sociedade é um traço desta perversa dimensão da modernidade em que o aumento da produção de bens coexiste com o aumento dos desempregados (BURSZTYN, 2003, 21).

Nessa perspectiva, pensar a realidade em que estão inseridos os catadores de materiais recicláveis exige um aprofundamento no método dialético pela capacidade dada ao estudioso em identificar as armadilhas das ideologias impregnadas no fenômeno. O conhecimento de categorias e subcategorias apropriadas ao método geográfico se estabelece, conforme objeto em estudo, o processo de relações interdependentes entre as variáveis ou condicionantes.

Assim, o papel do geógrafo está em driblar as ideologias de um esquema de sociedade dissimulada, para se ter as possíveis indicações de uma Geografia capaz de não somente ler ou reler o mundo, mas de nele atuar com autonomia, desvinculada das ideologias que no passado aprisionavam a própria Geografia, apesar de ainda hoje exercer influências sob novos discursos ideológicos disfarçados de “realidade”.

Trata-se de compreender a Geografia acercada e comprometida com a produção de um espaço voltado às questões sociais, de valorização da força de trabalho, da humanização do homem a partir das relações solidárias e cooperacionais. Um otimismo que não é

ingênuo se se exerce a formação crítica e intelectual culminando na construção, ora individual, ora coletiva de uma cidadania que preza por princípios éticos diante das tensões entre os interesses de satisfações pessoais fabricantes de uma sociedade desajustada e os interesses coletivos que visam a construção de uma sociedade com justiça social.

O DESLOCAMENTO DOS CATADORES: USO DO TERRITÓRIO E O COMANDO DE FORA

O reconhecimento do espaço vivido favorece para o indivíduo uma identidade com o lugar, com sua memória, a Geografia e suas subáreas colaboram para o entendimento deste espaço vivido. Este é para a Geografia um tema crucial, justamente por sua característica constitutiva como bem disse Moraes: “um dos temas destacados do universo de preocupações da Geografia moderna, qual seja: a questão da relação da sociedade com o território” (2002, p. 23).

Em outra obra este autor situa com clareza o “espaço vital” de Ratzel e o “gênero de vida” de La Blache em que ambos orientam, sob abordagens distintas, a relação do homem com o meio e tornando este último um meio geográfico. Segundo Sodré (1991, p. 34), para K. Ritter a Geografia deve se preocupar em “familiarizar o homem com o cenário de suas atividades”.

Apesar de estas formulações serem autênticos postulados da ciência geográfica, o capital, que atinge hoje modos extremos entre desenvolvimento tecnológico e superexploração obrigou a Geografia a buscar compreender as novas relações sócioespaciais. Significa dizer que estas consagradas afirmativas da geografia clássica não se enquadram na realidade do território utilizado pelos catadores.

O deslocamento realizado é na verdade uma corrida para agrupar a maior quantidade de materiais recicláveis em tempo hábil e realizar a venda no tempo oportuno para fazer o pagamento aos cooperados. Entretanto, esse comportamento tem uma explicação geográfica conforme destacam Freitas, Carvalho e Almeida (2011, p. 8) no Fragmento a seguir:

Os deslocamentos são induzidos principalmente pelo não controle social da cadeia produtiva, o que cria uma territorialidade imposta de fora. Na cadeia produtiva da reciclagem, ocorre a formação de um território que não é controlado pelo seu principal agente produtor; o catador. Os seus

deslocamentos devem obedecer a uma hierarquia imposta e alheia aos interesses e necessidades dos catadores.

A formulação dos autores, ainda que se refira aos catadores não cooperados, possui veracidade também no caso dos cooperados com certo nível de equipagem, pois, há uma demanda de compromissos, sobretudo, com os catadores cooperados. Porém, acima desta razão o fato é que o catador da COOPERU somente se desloca atrás de resíduos recicláveis devido à existência do mercado de produtos reciclados.

Este mercado comanda o comportamento das atividades do circuito inferior da reciclagem. Esta é, portanto, a territorialidade de fora mencionada pelos autores na citação anterior. Esta territorialidade é fruto das verticalidades impostas pela lógica do capital hegemônico. Assim, o catador não possui o comando territorial, mas obedece ao que Santos chama de “acontecer hierárquico”, ou seja, “um cotidiano imposto de fora” (SANTOS, 2005, p. 257). A favor deste acontecer hierárquico “junta-se a esse controle a ação explícita ou dissimulada do Estado” (SANTOS, 2011, p. 106). Pode-se definir, então que o espaço da coleta seletiva é vital aos catadores, pois, nele reside sua subsistência, porém, trata-se de um território alheio.

A fuga deste menor esquema exige uma construção política de base junto aos propulsores desta cadeia produtiva. O Movimento Nacional dos Catadores de Recicláveis (MNCR), já a 19 anos, atua na base da categoria e promove uma luta sem recuos a favor da dignidade e direitos dos catadores.

Geralmente se trata de uma luta contra a ingratidão e a ignorância, pois, apesar de apontarem os caminhos para vários dos problemas ambientais, sociais e econômico/solidários, os integrantes do MNCR mau são ouvidos pelas autoridades e ainda tem de lidar com o preconceito tanto das autoridades quanto de parcela da população, sobretudo de mentalidade burguesa que ignoram os benefícios que trazem o trabalho dos catadores para a própria sociedade.

O MNCR almeja, para a categoria, evidentemente, respeito, valorização, vida digna, etc., que na verdade se resume na forma clara de emancipação. Palavra do vernáculo “subversivo” levando em conta o preconceito pequeno burguês que logo remete aos contextos da emancipação política e cidadã. Há, portanto uma carência em elucidar esses termos (emancipação, cidadania e política) para de fato ter em mente a direção, de preferência por autogestão, sobre para onde caminhar.

OS DADOS EMPÍRICOS¹⁵ DOS CATADORES DA COOPERU E O MUNDO DA RECICLAGEM VISTO A PARTIR DA RETINA DO CATADOR

Esta seção do artigo apresenta em primeiro lugar, os dados que evidenciam as condições sociais e econômicas dos catadores da COOPERU; e em segundo lugar, trata de como os catadores avulsos enfrentam um cotidiano em que suas atividades são reduzidas à mera reprodução da própria subsistência. Os trabalhadores da COOPERU são pessoas vivendo em situação de pobreza. O sistema do capital impõe para o catador, assim como para qualquer homem/mulher, a necessidade de sobreviver e reproduzir a vida cotidiana. Assim buscou-se a partir da aplicação de questionário identificar alguns aspectos considerados relevantes¹⁶.

São inúmeras as pesquisas em que a participação feminina é superior à masculina nas atividades de coleta de resíduos sólidos urbanos, este padrão se mantém em relação a COOPERU como aponta a Figura 3:

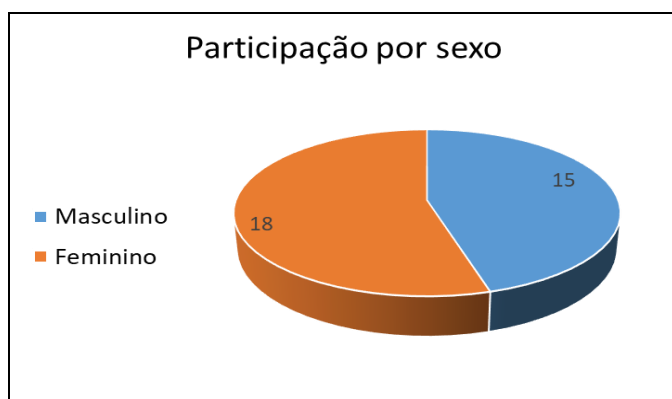


Figura 3. Participação por sexo no trabalho da COOPERU.
Fonte: Mauro Cristiano de Paula – trabalho de campo-2017.

Além da maior participação feminina, a divisão do trabalho por sexo na cooperativa é outro fator que chama atenção. A Figura 4 apresenta uma divisão em que a atividade feminina se concentra na separação e atividades afins, enquanto que as atividades

¹⁵ Todas as figuras foram elaboradas pelo autor a partir das informações extraídas do trabalho de campo-2017.

¹⁶ Importante esclarecer que os dados aqui apresentados refere-se ao conjunto dos catadores de materiais recicláveis da COOPERU. Participaram das entrevistas 33 indivíduos, a cooperativa conta com 46 cooperados. A diferença de 13 indivíduos não participantes se dá por duas razões: 1) não foram encontrados, em função da flutuação e frequência dos mesmos e 2) por se recusarem a dar entrevista. Cabe ainda esclarecer que os números apresentados nas figuras em forma de gráficos são números inteiros e não porcentagem por se tratar de um universo de indivíduos considerado pequeno nesta pesquisa. Cabe salientar também que as questões elaboradas tiveram como base um diagnóstico realizado a partir de conversas informais com os catadores, a maioria das alternativas foram levantadas por eles mesmos.

masculinas dominam as funções de motorista e prensista. Já a atividade de recolher os resíduos sólidos nos pontos da cidade é mista.

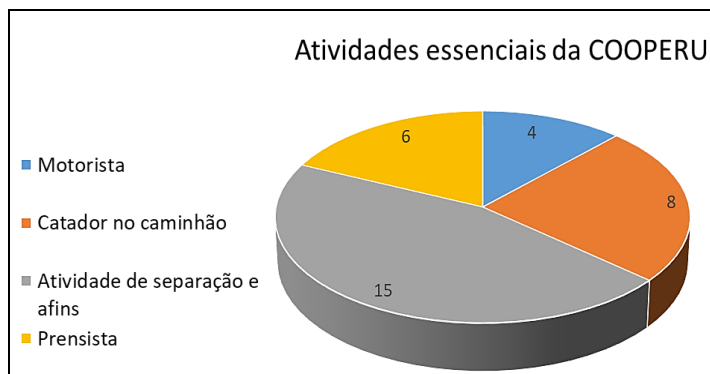


Figura 4. Organização das atividades essenciais da COOPERU.

Fonte: Mauro Cristiano de Paula – trabalho de campo-2017.

Outras atividades corriqueiras no interior da cooperativa são realizadas indistintamente de funções específicas excetuando o departamento administrativo não apresentado nos dados.

A origem geográfica dos cooperados revela um fenômeno que é fundamental na Geografia e sinaliza uma pesquisa em aberto no tocante a migração doméstica. A Figura 5 aponta esta possibilidade.

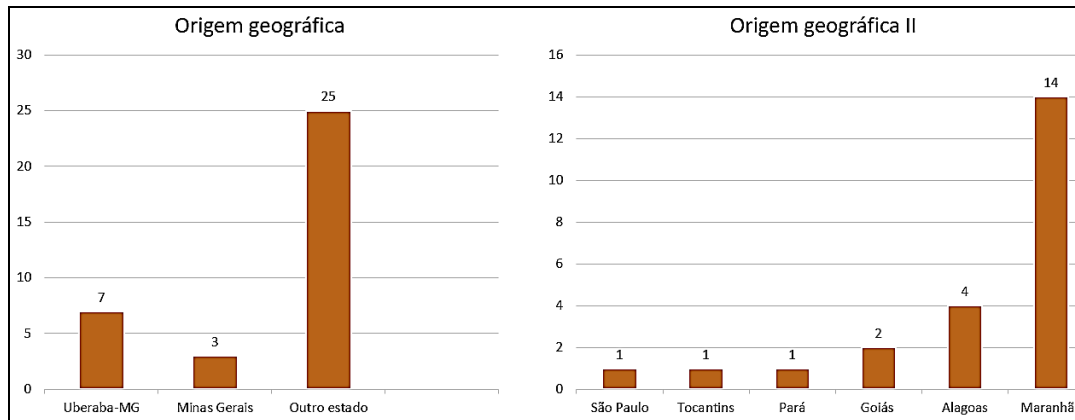


Figura 5. Origem geográfica dos trabalhadores da COOPERU.

Fonte: Mauro Cristiano de Paula – trabalho de campo-2017.

Embora os imigrantes, bem como os locais exerçam trabalho precário, eles veem na COOPERU uma alternativa de se inserirem em uma atividade laborativa e mitigar as dificuldades sociais e econômicas sumárias. As instâncias de primeira necessidade e, o rendimento mensal corrobora com o grau de qualidade ou precariedade das mesmas.

A escolaridade ou tempo de estudo praticado pelos catadores cooperados exerce importante influência nas condições de “empregabilidade”. A Figura 6 revela as dificuldades dos indivíduos em se manterem na escola.

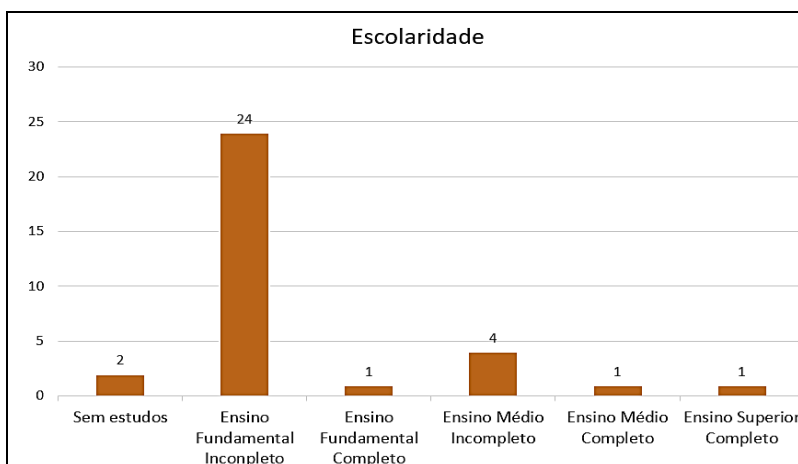


Figura 6. A escolaridade dos catadores.

Fonte: Mauro Cristiano de Paula – trabalho de campo-2017.

Segundo análise dos questionários, a coluna verticalizada da Figura 6 é convergente com a origem geográfica dos indivíduos que se concentram nos estados do Maranhão e Alagoas, salvo pequenas exceções. A propósito, é lugar comum a ideia de que a educação é uma importante condição para o desenvolvimento social e econômico dos indivíduos, ainda que o próprio modelo tradicional da educação (de massa) brasileira não tem cumprido nem mesmo a finalidade positivista da inserção dos indivíduos no mercado de trabalho. Assim sendo, a Figura 7 indica os rendimentos mensais tanto individual quanto familiar dos catadores cooperados.

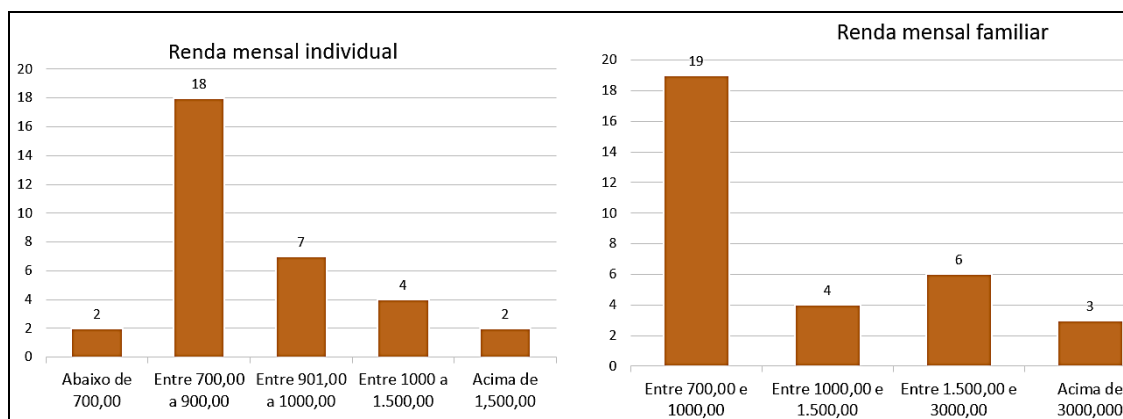


Figura 7. Renda mensal individual e familiar.

Fonte: Mauro Cristiano de Paula – trabalho de campo-2017.

Os rendimentos se repetem nas colunas mais concentradas em que evidenciam-se as catadoras que são mães de crianças em idade escolar e, portanto, beneficiárias do programa Bolsa Família e de forma mais pulverizada tem-se uma dispersão entre aposentados e outros membros familiares com rendimentos maiores.

Foram identificados 4 principais motivos para que os indivíduos viessem a procurar uma ocupação na COOPERU de acordo com a Figura 8.

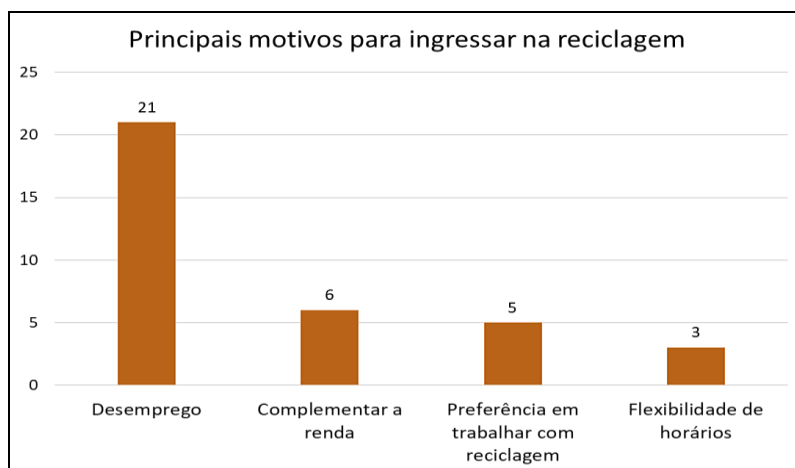


Figura 8. Os principais motivos que levam os indivíduos a procurar uma oportunidade de ocupação na cooperativa.

Fonte: Mauro Cristiano de Paula – trabalho de campo-2017.

O desemprego é o principal fator, contudo, esta inserção laborativa não é entendida como um processo de inclusão socioeconômica, mas como uma inclusão perversa¹⁷; a complementação da renda (3 indivíduos aposentados e membros de família com renda superior) e a preferência pela reciclagem têm significativas participações entre os que procuram a COOPERU.

O tempo de trabalho na cooperativa é relativamente flutuante em conformidade com a Figura 9, todavia, os cooperados que possuem um tempo maior são os que optaram continuamente pelo trabalho na reciclagem.

¹⁷ Esta questão da inclusão perversa é debatida por Medeiros e Macedo (2007)

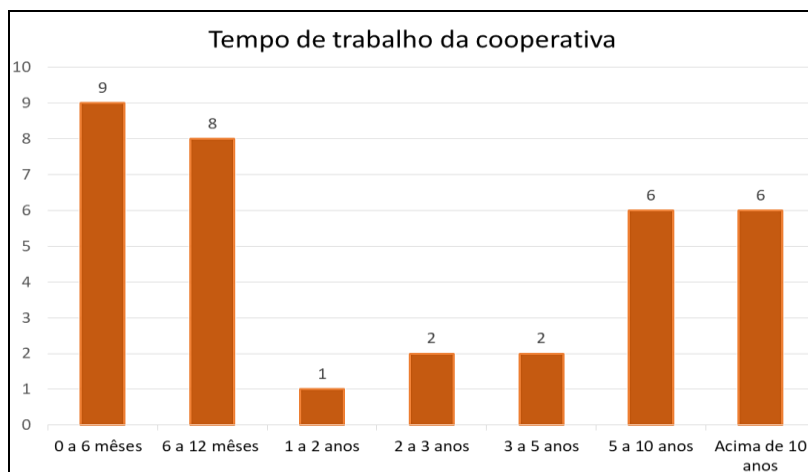


Figura 9. O tempo de trabalho na COOPERU e a concentração oscilante.

Fonte: Mauro Cristiano de Paula – trabalho de campo-2017.

Este é um dado que revela o dinamismo de entrada e saída dos catadores na cooperativa e a alteração de grande parte o questionário, contudo, trata-se de um comportamento revelador daquilo que propusemos chamar de laços ou vínculos frouxos. Esta frouxidão leva a questionamentos sobre a relação catador x cooperativa, elencados como: a que serve tal frouxidão? Quais fatores impeditivos de um vínculo mais sólido? O que há na cooperativa que atrai o catador ou indivíduo desempregado? O que falta na cooperativa para manter o indivíduo? Qual ou o que seria um mediador entre ambos? Quais elementos que permeiam a relação catador x cooperativa, somente econômico? Estes entre outros questionamentos podem ser elencados conforme cada caso em particular.

No que se refere as dificuldades do trabalho dos catadores na cooperativa, alguns aspectos foram pontuados conforme a Figura 10.

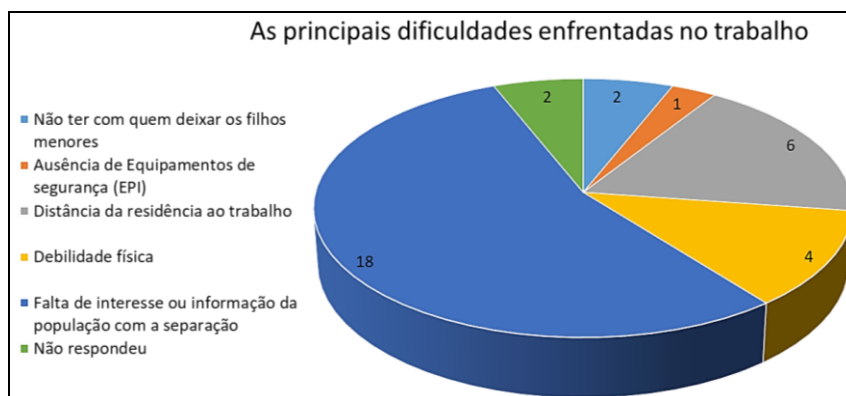


Figura 10. As principais dificuldades enfrentadas pelos catadores ao exercer seu trabalho.

Fonte: Mauro Cristiano de Paula – trabalho de campo-2017.

Os catadores cooperados destacam nesta questão uma dificuldade que reflete a ausência de um projeto amplo de Educação Ambiental que envolva a participação da sociedade de modo a mitigar os problemas gerados tanto para o trabalho dos catadores quanto para a preservação do Meio Ambiente¹⁸.

Finalmente a Figura 11 evidencia o anseio imediato dos catadores quanto ao que deve ser melhorado na organização do seu trabalho e na própria cooperativa.

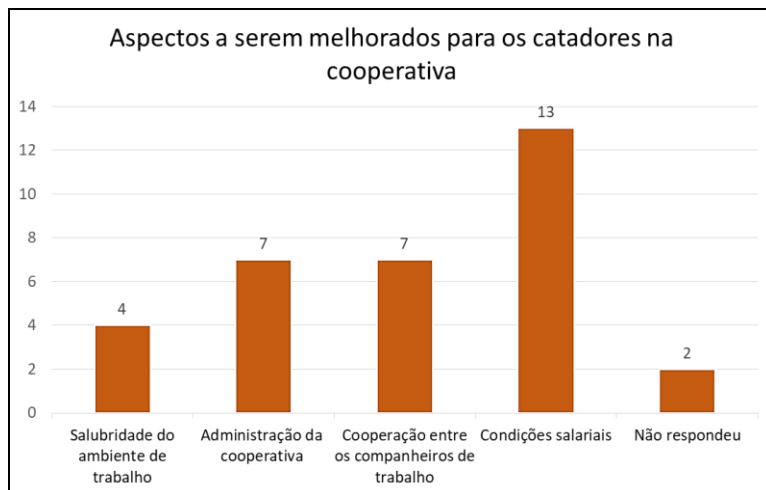


Figura 11. Aspectos que os catadores julgam ser mais importantes para se melhorar.
Fonte: Mauro Cristiano de Paula – trabalho de campo-2017.

Esta última questão mexe bastante com a subjetividade dos catadores e configura num aspecto angustiante em razão da inconcretude de seus anseios. A realidade objetiva, expressa no cotidiano, não sinaliza para os catadores as perspectivas desejadas em função dos demais elementos da questão levantada (administração da cooperativa e cooperação entre os companheiros de trabalho), ambos são latentes e de segunda ordem de importância no que toca o desejo de melhorias dos catadores. Estes dois fatores, são para o conjunto dos cooperados, condicionantes para um melhor ajustamento na rentabilidade capaz de cumprir com as necessidades de cada indivíduo.

A pesquisa com os catadores cooperados é, de certa forma, cômoda por se tratar de uma categoria “institucionalizada” ou de preferência concentrada em um espaço comum. Diferentemente dos catadores avulsos que estão espalhados aleatoriamente pela cidade,

¹⁸ Os catadores relatam que nem todo o material coletado na fonte (residência, comércio e instituições) são aproveitados, gerando rejeitos que acumulam em espaços na cooperativa que passam a ser subaproveitados. Estes rejeitos se tornam um maior problema ao deixar o ambiente insalubre, além do risco de contaminação do solo e a ameaça de serem multados pela prefeitura.

completamente desarticulados e sem um mínimo de organização. Motivos de maiores dificuldades para uma profícua investigação.

Entretanto, buscou-se comprovar a partir de entrevistas semi-estruturadas as condições de precariedade também vivenciadas pelos catadores avulsos. A opção pela entrevista semi-estruturada como afirma Triviños (1987, p. 152), traduz-se pela facilidade de atuação de quem investiga.

Nesta perspectiva de “pesquisa participativa” foi possível extrair algumas palavras dos catadores. Algumas falas expressam suas angústias e indignações. Destaca-se, no entanto a seguir o que pensa o catador sobre as questões sociais, políticas, econômicas e ambientais.

Quando perguntados se acreditam que seu trabalho contribui com o meio ambiente houve equilíbrio e surpresas em cada resposta de cada sujeito S¹⁹

Ajuda né? Pra evita que espalha no mei da rua, ajuda né? Eles fala que ajuda né? Eu acho que ajuda pra evita que espalha. Eu vô catá pra ajuda minha renda, minha preocupação não é essa não [meio ambiente] (S01, setembro/2013).

Não, isso aí a gente num fica muito apavorado com isso aí não sabe? Porque a gente cata mais é pra vende né? (S02, setembro/2013).

Sim, eu tenho certeza disso, se a coleta fosse feita mesmo a gente num estaria sofrendo esse efeito estufa aí. Mas meu negócio é a sobrevivência mesmo, tipo assim né? Ninguém tá preocupado eu num vô preocupa tamem né? Quer dizer, ajudano eu tô né? Mas com muito poco. Num adianta nada. É porque aquilo que tá estragano o meio ambiente eu tô tirano um poco (S03, setembro/2013).

Sim contribui, porque além da gente tá tirano muito desses material fazem banco de sofá, faz brinquedo e demora muito pra decompô. Se eles quisesse salvá o meio ambiente, eles andaria mais de bicicleta, não misturava comida com reciclável. Porque se você não catá essas coisa vai tudo pro lixão né? Tudo gera em torno do dinheiro (S04, setembro/2013).

Como é evidente, com exceção do sujeito 02 que contestou a pergunta dizendo exercer a catação com o único propósito de vendê-la, os demais catadores acreditam contribuir com a “preservação ambiental”, todavia são conscientes em reconhecer que apesar de “ajudar a natureza” eles realizam esta atividade por mera questão de sobrevivência. Muito provavelmente, de certa forma, os catadores foram induzidos por hipocrisias midiáticas a crer nesta falácia e a reproduzem.

Quando perguntados a respeito da contribuição dos governos para a categoria, S 01 e S02 respectivamente:

¹⁹ Letra “S” adotada para identificar os sujeitos entrevistados.

Não. Nem pra mim nem pra (minha esposa) nunca fez nada não. Pro zoto aí num sei né... até hoje não. [...] ajudá a gente né? Favorecê a gente mais né? Incentivá, num tem iniciativa né? Mais até hoje nunca fez nada não. Nem vai fazê (S01, setembro/2013).

Ah! Até garanti a gente num garante muito não né? Eles fala muito isso aí mas num garanto não. A gente cata isso aí mesmo é pra gente come né, porque as coisa tá muito cara né? Pra sustenta né, ainda tamém. Tem muita gente assim que passa fome, tem fome ainda, do modo oto, a gente cata isso aí porque saco vazio num para em pé. Serve pra gente come né? Come, almuçá e jantá (S02, setembro/2013).

Nota-se que apesar de poucas esperanças o S01 pensa que as autoridades poderiam promover iniciativas para valorizar a categoria. Já a escassez vivida por S02 quando perguntado sobre ajuda de governo, ele lembra imediatamente dos problemas relacionados às questões básicas como, por exemplo, a alimentação. Esta condição o credencia à radicalização do discurso sem reservas a ponto de compreender que a fome é um fantasma que segue em volta dos grupos de pessoas mais fragilizados, ou melhor, em situação de abandono.

A opinião do S03 foi ainda mais surpreendente:

Nada...nada... a única coisa que ele faz vô te fala... nada. Quem faz alguma coisa é os coletor do caminhão que joga as garrafa pra trais as latinha quando a gente encontra com eles. Eles num pode fazê isso não mas eles conhece a gente, é colega. Discaso total porque ele num faz uma propaganda pra conscientizá a população? Nada, discaso total (S03, setembro/2013).

É impressionante como o S03 valoriza os trabalhadores da coleta convencional pelo simples fato de atirarem o quanto podem de materiais do caminhão de coleta convencional acreditando “ajudar” o catador transeunte. Diante dessa experiência o que uma comunidade inteira poderia então fazer por um grupo de catadores se, na reclamação do S03, a população fosse educada com esse fim? As experiências históricas constataram, é bem verdade, que se há mobilização social os governos sedem a pressão já que sem mobilização os mesmos não se prontificam.

O mesmo tom de indignação é também encontrado no S04:

Porcaria, sinceramente porcaria, eles num faz nada, a gente vê no jornal que eles tão fazendo, mas num tem nada. Porque a renda do catador tá a mesma coisa né? Eles fala que ajuda, mas ajuda como? Eles num dão o devido valor, onde tá a ajuda deles? O que eles faz é multá²⁰ a gente e vai querê recebe, quanto tempo a gente vai ter que trabalhar pra pagá? (S04, setembro/2013).

²⁰ Uma denúncia de vizinhos colocou o S03 na eminência de ser multado pela Vigilância Sanitária por acumular resíduos sólidos em seu quintal.

O não reconhecimento da melhoria da renda leva o S04 a indagar “onde tá a ajuda dele?”. Além de lidar com a amarga carga diária do trabalho precário, a desvalorização social, ambiental e econômica, os catadores lidam com os perigos da profissão pela falta de segurança e garantias como trabalhador. Sobre esse assunto Medeiros e Macêdo (2007) assim compreende:

Não há como ignorar que as condições em que os catadores desenvolvem seu trabalho são extremamente precárias. Eles são desprovidos de garantias trabalhistas que os amparem, principalmente em relação a acidentes do trabalho, a doenças, à aposentadoria, ao décimo terceiro e ao seguro desemprego; são mal remunerados, vítimas de preconceitos e não são reconhecidos; além disso, são inúmeros os riscos à saúde existentes na atividade de catação no lixo. (MEDEIROS; MACEDO, 2007, p. 86).

Este quadro problemático apresentado pelas autoras é compartilhado por Freitas; Carvalho; Almeida, (2011, p. 17) que assim reforçam:

[...] Os trabalhadores catadores se apresentam como uma parte dos trabalhadores em explícito processo degenerativo. Expostos a doenças e vivendo sem um mínimo de condições sanitárias - a grande maioria não se utiliza nenhuma proteção - muitos dividem espaços com animais no cotidiano de trabalho, e submetidos a uma rotina desumanizante, não conseguem retirar dessa árdua atividade uma renda favorável para sua própria sobrevivência, onde muitas vezes para ampliar os ganhos é necessário levar toda a família, inclusive às crianças em sua atividade diária.

De fato, a clarividência das condições de precariedade em que vivem os catadores em amplas dimensões, como já tem sido sustentado na corrente pesquisa, constitui um quadro dramático em maior grau aos catadores avulsos. Entretanto, estas pessoas, descartadas socialmente, são acolhidas tal como se apresentam em determinados “empreendimentos solidários”. Esta prática tem certa semelhança com o que Milton Santos identificou em seus estudos como “pólo marginal da economia” entre outras denominações como o autor esclarece:

Esse “pólo marginal da economia” [...] também chamado de “terciário primitivo” [...] ou “terciário refúgio”, é um elemento fundamental da vida urbana nos países subdesenvolvidos, por seu aspecto de abrigo da população pobre, migrante ou originária da cidade, que só raramente pode consumir e trabalhar no circuito moderno. (SANTOS, 2008, p. 201).

Assim destacado, a relação da cooperativa com os catadores avulsos possui um traço de trabalho de resgate social. Afinal, para o circuito inferior da reciclagem o fator trabalho é essencialmente necessário. Entretanto, os catadores avulsos que de certa forma

são debilitados para o trabalho intensivo, são também assistidos pela cooperativa ainda que sua contribuição seja mínima.

É importante ficar claro também que a cooperativa não emprega o catador. Há de fato facilidade em trabalhar nas cooperativas de recicláveis, pois, não se trata especificamente de o catador vender sua força de trabalho para a cooperativa, mas sim triar o material coletado que será vendido ao intermediário. Seu soldo mensal oscila conforme a produção da cooperativa como um todo.

A relação com os intermediários e industriários da reciclagem é meramente econômica. Precisam vender a um baixo custo para o intermediário se não possui uma quantidade suficientemente atrativa para a indústria. O intermediário, com poder maior de capital pode agrupar maior quantidade de material e esperar até que a demanda passe a ser maior que a oferta. Esse é um ponto perverso para as cooperativas, isto é, a lógica de mercado em que são submetidos e por ele controlados.

Deste modo, os problemas do circuito inferior da reciclagem devem ser encarados pela sociedade, instituições e autoridades como uma condição de crise reclamando uma saída, uma solução. Admitir a existência deste circuito inferior da cadeia da reciclagem por si e para si pressupõe admitir uma realidade a ser transformada. Não sendo assim, o que se admite é sua perpetuação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro “Espaço dividido”, pensado para a sociedade urbana de 1960 e 1970, demonstra a antecipação das tecnologias, dos fenômenos globais e as transformações de ordem ideológicas vigentes. O ramo da reciclagem, como foi debatido, é um mercado em expansão. A cadeia produtiva possui três escalas com assimetrias discrepantes, a coleta na fonte geradora é feita por trabalho intensivo, sem uso de tecnologias; o trabalho intermediário é dotado de uma tecnologia que conta, sobretudo com logística de transporte e armazenamento; a indústria de produtos recicláveis é dotada de alta tecnologia e reduzido emprego de mão-de-obra.

As observações simples e direta na pesquisa com os catadores cooperados e avulsos, as leituras pautadas na dialética do trabalho lidas sob o olhar geográfico, a qual considera o trabalho como mediador entre a sociedade e o território, proporcionaram

importantes esclarecimentos quanto ao tempo de trabalho desta categoria e a criação de valores produzidos na fonte que, porém, são desvalorizadas como valor de troca frente ao mercado manipulador da força de trabalho dos catadores.

O valor do trabalho do catador subjetivado no recolhimento dos resíduos sólidos possui um valor de troca e não de uso. O preço pago pelo dono do depósito não inclui o valor de uso, pois este apenas é agregado após a transformação do material em novo uso. O trabalho é desvalorizado na fonte. Já em sua essência, ele é expropriado pelo capital que não paga nada pela força de trabalho, mas somente pelo valor do material coletado, o qual possui sua cotação diária. Em última análise e malgrado a constatação que o catador realiza um trabalho gratuito em regime semelhante ao de semiescravidão.

Pode-se admitir que as organizações de catadores representam um desejo, uma vontade de emancipação, porém, não são capazes de promovê-lo. Neste sentido, a adoção de estratégias didáticas é uma forma de despertar a consciência a partir de projetos educacionais com seus parceiros (faculdades, universidades, Poder Público, ONGs). Entretanto, os projetos educacionais oferecidos esbarram, por um lado, na disponibilidade e interesse de parte dos catadores e, por outro no interesse político do Estado.

Outro fator apreendido nas observações de campo e entrevistas semi-estruturadas apontam, por um lado que, apesar de os catadores demonstrarem indicativas de educação ambiental com o trabalho de catação no circuito inferior da reciclagem, eles não têm a intenção de fazê-la. Estão preocupados tão somente com a possibilidade de reproduzir sua vida cotidianamente; e por outro lado que, a educação ambiental de fato não acontece.

A redução da precariedade do trabalho, a renda mínima, as más condições de sobrevivência, reclamam um plano estratégico estrutural envolvendo os parceiros já existentes e ampliando essas parcerias, sobretudo junto à sociedade, no intento de desenvolver um projeto para a cidade a partir da coleta seletiva, um projeto que traduza sentidos e significados a todos os sujeitos envolvidos. Trata-se de um plano político, da construção política de uma sociedade de homens e mulheres que decidam seus destinos por exercerem autonomia e por estarem prontificados a rechaçar qualquer tipo de tirania.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. L. C. **Os sentidos do trabalho**: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2011.

- _____. **O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho.** São Paulo - Boitempo, 2005.
- BURSZTYN, Marcel. (Org.) **No meio da rua: nômades, excluídos e viradores.** Rio de Janeiro, Garamond. 2003.
- DAGNINO, R. de S. DAGNINO, R. P. políticas para inclusão social de catadores de materiais recicláveis. **Revista Pegada Eletrônica**, Presidente Prudente, vol. especial, 31 julho 2011. Disponível em: <http://www.fct.unesp.br/ceget/pegadaesp2011/04DAGNINOESP2011.pdf>. Acesso em: 22.10.2013.
- FONSECA. F. C. *et. al.*, Coleta seletiva e inclusão social e produtiva dos catadores de materiais recicláveis em Uberaba, MG. In: **XVIII ENCONTRO NACIONAL DOS GRUPOS PET – ENAPET – RECIFE – PE 1º A 6º DE OUTUBRO - 2013.**
- FONSECA. V. M. **O gigante dos pés de barro: capitalismo e desenvolvimento sustentável.** Jundiaí: Paco Editorial: 2013.
- FRANÇA, C. F. de S. Proposições teóricas sobre a categoria trabalho e sua abordagem na geografia. **Revista Pegada eletrônica**, Presidente Prudente, vol. 18 n.1, abril/2017, disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/4966/3774> acesso em: 17.09.2017.
- FREITAS, C. A. L.L; CARVALHO, T. K; ALMEIDA, R. B. O trabalhador catador em situação de lumpemproletariado na moderna configuração do capital. **Revista Pegada eletrônica**, Presidente Prudente, vol. Especial, 31 julho 2011, disponível em: <http://www4.fct.unesp.br/ceget/PEGADAESP2011/ESP2011-sumario.htm> acesso em: 28.07.2013.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6º ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GODOY, T. M. P. de. **O espaço da produção solidária dos catadores de materiais recicláveis: usos e contradições –** Rio Claro: [s.n.], 2005. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas.
- GUTIERREZ, R. F. ZANIN, M. Empreendimentos econômicos solidários de catadores do estado de São Paulo: um panorama a partir do sistema nacional de informação em economia solidária. **Revista Pegada Eletrônica**, Presidente Prudente, vol. especial, 31 julho 2011. Disponível em: <http://www.fct.unesp.br/ceget/pegadaesp2011/05ZANINESP2011.pdf>>. Acesso em: _____. 20__.
- HARVEY, David. **O enigma do capital e as crises do capitalismo.** Trad. de João Alexandre Peschanski. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.
- IANNI, O. **A era do globalismo.** 2º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- MAGERA, M. **Os empresários do lixo: um paradoxo da modernidade.** Campinas, SP: Editora Átomo, 2003.
- MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política.** 2º ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- MARX, K. E ENGELS, F. **O Manifesto Comunista.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

- _____. **A ideologia alemã**. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965.
- MEDEIROS, L. F. de; MACÊDO, R. K. B. Profissão: catador de material reciclável, entre o viver e o sobreviver. In: **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**. V. 3, n. 2, p. 72-94, mai-ago /2007.
- MORAES, A. C. R. **Geografia: Pequena História crítica**. 21° ed. São Paulo: Huritec: Annablume, 2007.
- _____. **A gênese da geografia moderna**. 2° ed. São Paulo: Huritec: Annablume, 2002.
- MOREIRA, R. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. São Paulo: contexto, 2007.
- NASCIMENTO, M. L. DA S; MARQUES, A. L. DE P; ALMEIDA, A. M. L. P. DE; NASCIMENTO, N. De catador de lixo a agente ambiental: educação ambiental na qualidade de vida. In: **O mundo da saúde**, São Paulo: 2006: out/dez 30 (4): 581-587.
- PINHEL, J. R. (org). **Do lixo à cidadania: guia para a formação de cooperativas de catadores de materiais recicláveis**. São Paulo: Peirópolis, 2013.
- SANTOS, M. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Edusp, 2009.
- _____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 20° Ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- _____. **Pensando o espaço do homem**. 5° ed. São Paulo: Edusp, 2009.
- _____. **O trabalho do geógrafo no terceiro mundo**. São Paulo: Edusp, 2009.
- _____. **Pobreza urbana**. São Paulo: Edusp, 2009.
- _____. **O Espaço Dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. 2° ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- _____. **Espaço e Método**. 5° ed. São Paulo: EDUSP, 2008.
- _____. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4° ed. São Paulo: Edusp, 2006.
- _____. O retorno do território. Apresentação por Maria Adélia Aparecida de Souza. En publicación: **OSAL, Observatorio Social de América Latina, año VI, no. 16. CLACSO**, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires, Argentina: Argentina. 2005. [Citado: 21/11/2013]. Disponible en: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf> . p. 251-26
- SPÓSITO, M. E. B. **Capitalismo e urbanização**. 5° São Paulo: Contexto, 1994.
- SODRÉ, N. W. **Introdução a Geografia: Geografia e ideologia**. 8° ed. Petrópolis: Vozes, 1992.
- THOMÁS JÚNIOR, Antônio. Por uma Geografia do Trabalho. São Paulo, agosto de 2002. **Revista Pegada Eletrônica**. Disponível em: < <http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/viewFile/786/809> >. Acesso em: 09 fev. 2014.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: contexto, 2010.

VASAPOLLO, L. **O trabalho atípico e a precariedade**. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

Submetido em: 10 de agosto de 2017

Aceito em: 08 de janeiro de 2018